



“Carrego seu filho por R\$ 100 mil”¹: as disputas narrativas nos discursos e práticas sobre maternidade na internet

Angélica Fonsêca²

Em grupos específicos da internet, mulheres anunciam a sua disponibilidade para oferecer serviços conhecidos como "b.a" (barriga de aluguel) ou até mesmo "bio", ou seja, "mães biológicas" dispostas a “doar” às pessoas interessadas um filho por elas gestado e com seu material genético. Concomitantemente, matérias jornalísticas e publicações em mídias digitais geram debates sobre as mulheres que não querem ter filhos e conformam o movimento *childfree*. Esse universo paralelo (e, às vezes, complementar) às clínicas de reprodução assistida, que também têm proliferado nos últimos anos, conforma um novo território que insta ao questionamento sobre o que significa “ser mãe” e “estar grávida” na contemporaneidade.

Sob uma perspectiva genealógica, analisa-se discursos emitidos por instituições médicas especializadas em reprodução humana (tais como campanhas publicitárias e conteúdos disseminados na internet) e, também, aqueles em que mulheres aderem ao movimento *childfree* em notícias e comentários em mídias sociais, assim como outros que circulam nos grupos online dedicados a mercantilizar os serviços de barriga de aluguel e “adoção à brasileira”. Dessa forma, busca-se compreender algumas implicações ligadas às estratégias de visibilidade, intimidade e afetividades associadas a essas novas práticas, que sacodem e subvertem alguns valores tidos -- até muito pouco tempo atrás -- como naturais ou biológicos e, portanto, inquestionáveis, e objetiva-se mapear alguns desses novos sentidos que a noção de maternidade está ganhando.

Parte-se da compreensão de que o nascimento e a gestação, inerente ao corpo feminino, possibilitou o discurso normativo médico indicar que a concepção e a maternidade são funções naturais da mulher. Inclusive, a concepção moderna para as ‘não-mães’ é de exclusão e anormalidade, afinal, não cumpriram seu papel na sociedade.

¹ Título da matéria da BBC. Disponível em: <https://bbc.in/2TI9zYb>. Acesso em: 10 de jul.

² Doutoranda em Comunicação, orientanda da Doutora Paula Sibilia, Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, e-mail: angelica.fonseka@gmail.com.



Longe de ser apenas instauração do olhar médico sob o corpo feminino, na modernidade, houve uma série de investimentos como ações pedagógicas, controle familiar e de fenômenos específicos – natalidade, fecundidade e expectativa de vida – que possibilitaram esse gerenciamento sobre a vida, inerente ao biopoder (FOUCAULT, 1988), dessa forma, foi produzido e articulado um saber especializado sobre o corpo feminino. Assim, no final do século XVIII, a imagem, o papel e importância do “ser mãe” sofreram modificações adequadas à realidade de proteger a criança e a subjetividade de “mãe-higiênica” (COSTA, 1999). Elisabeth Badinter (1985) resume esses discursos e condutas como o mito do instinto materno, ou seja, ao compreender as forças que fixaram historicamente os sentidos sobre o amor materno, desconstrói uma visão de “espontaneidade” do vínculo e amor entre mãe e filho, e o mostrando uma idealização para a manutenção de uma sociedade forte.

As “técnicas polimorfos do poder” (FOUCAULT, 1988, p.17) engendraram narrativas sobre o corpo feminino, tornando-o objeto visível dos diversos dispositivos do controle. Ao mesmo tempo que permeadas por uma profusão de afetos e julgamentos morais, essas mulheres disputam discursivamente e engendram novos sentidos sobre o “ser mãe” – e de não ser – na contemporaneidade. Potencializar a vivência dessas diversas experiências, narradas pelas próprias mulheres, é uma conquista na atualidade. Ao mesmo tempo que se submetem às lógicas de visibilidade contemporâneas voluntariamente, a coexistência dessas múltiplas subjetividades demarcam a existência de muitas “verdades” sobre o “ser mãe”, ou seja, ao mesmo tempo que agem na liberação de discursos dominantes, se assujeitam em outras práticas mais sutis de contenção. Por isso, é possível mapear discursos de emancipação para aquelas que não desejam ter filhos, assim como estratégias de assujeitamentos naquelas que munidas pela esperança discursiva dos laboratórios de fertilidade e fazem diversos ciclos de fertilização. Ou, sentimentos de empatia e endossos neoliberais para às mulheres que comercializam seus úteros para realizar o sonho da maternidade de outras.

Palavras-chave: maternidade; *childfree*; barriga de aluguel, fertilidade; reprodução assistida.

Referências



COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999

BADINTER, Elisabeth. *Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.